Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

CLAVES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE
VIOLÊNCIA E SAÚDE JORGE CARELI

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL EM VIOLÊNCIA E SAÚDE

DOCUMENTO DE TRABALHO FIOCRUZ VIOLÊNCIA ARMADA E OUTRAS URGÊNCIAS, VIOLÊNCIAS NO TRABALHO E SAÚDE MENTAL

Simone Gonçalves de Assis

Fernanda Mendes Lages Ribeiro

Mayalu Matos Silva

Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (Claves/Ensp/Fiocruz)

Coordenação

SETEMBRO DE 2023

Lista de Siglas

ACIJA - Associação Comercial e Industrial de Jacarepaguá

ADPF - Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental

AISP 22 - Centro Integrado de Inteligência de Segurança Pública da Região Sudeste

ALERJ - Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

BAC - Batalhão de Ações com Cães

BOPE - Batalhão de Operações Policiais Especiais

CAD - Centro de Apoio ao Discente

CEP - Código de Endereçamento Postal

CICV - Comitê Internacional da Cruz Vermelha

COC – Casa de Oswaldo Cruz

COGIC - Coordenação-geral de Infraestrutura dos Campi

COGEPE - Coordenação de Gestão de Pessoas

COOTRAN - Cooperativa de Transportadores de Nova Mutum

CORE - Coordenadoria de Recursos Especiais

CS - Centro de Saúde

CSEGSF – Centro de Saúde Escola Germano Silval Faria

CST - Coordenação de Saúde do Trabalhador

DVSP - Divisão de Vigilância e Segurança Patrimonial

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública

EPSJV - Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio

FMS - Fiocruz Mato Grosso do Sul

GT – Grupo de Trabalho

GVSP - Gestão de Vigilância e Segurança Patrimonial

ICICT - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

ILMD -instituto Leonidas e Maria Deane

IOC - Instituto Oswaldo Cruz

IPEA – Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada

MSF - Médicos sem Fronteira

NUPSS - Núcleo de Psicologia e Serviço Social

NUST - Núcleo de Saúde do Trabalhador

NUST - Núcleos de Saúde do Trabalhador

OMS – Organização Mundial de Saúde

PI – Programa Institucional

PI – Programa Institucional

PICs - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

PNRMAV – Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violências

PNRMAV- Política Nacional de Morbimortalidade por Acidentes e Violências

POP - Protocolo Operacional

PRONASCI - Plano Nacional de Segurança Pública e Cidadania

SCTIE – Secretaria de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos

SGTs - Serviço de Gestão do Trabalho

SIS - Sistema Integrado de Segurança

STF - Supremo Tribunal Federal

UFG – Universidade Federal de Goiás

VA - Violência armada

VDEGS – Vice Direção de Escola de Governo em Saúde

VIVA – Vigilância de Acidentes e Violências

SUMÁRIO

1	Unidades participantes 2019 e 2023	4
2	Introdução	6
3	Oficina Fiocruz, Violências, Urgências e Emergências	14
4.	Síntese dos encaminhamentos da oficina	25

1. Unidades Participantes

Ano 2019

Biomanguinhos

CAD

COC – Casa de Oswaldo Cruz

COGEPE - Coordenação Geral de Gestão de Pessoas

Cooperação social

CPQAM – instituto Aggeu Magalhães - Fiocruz PE

CPQRR – Centro de Pesquisa René Rachou – Fiocruz Minas

CRPHF - Centro de Referência Professor Hélio Fraga - Fiocruz Jacarepaguá

CSS – Coordenação de Comunicação Social

ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública

EPSJV - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Farmanguinhos

Fiocruz Ceará

ILMD - Instituto Leônidas e Maria Deane - Fiocruz Amazônia

IOC - Instituto Oswaldo Cruz

NUST – Núcleo de Saúde do Trabalhador

Ouvidoria

Ano 2023

Instituto Leônidas e Maria Deane - Fiocruz Amazonas

Biomanguinhos

CAD - Centro de Apoio ao Discente

COC - Casa de Oswaldo Cruz

Cogepe - Coordenação Geral de Gestão de Pessoas

Cooperação Social

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

EPSJV - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Farmanguinhos

GVSP/ Cogic - Gestão de Vigilância e Segurança Patrimonial/Coordenação-geral de Infraestrutura dos Campi

ICICT - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica

IFF - Instituto Fernandes Figueira

IOC - Instituto Oswaldo Cruz

Fiocruz Mata Atlântica

Fiocruz Mato Grosso do Sul

Instituto René Rachou - Fiocruz Minas Gerais

Fiocruz Rondônia

Fiocruz Ceará

Presidência da Fiocruz

VPEIC - Vice Presidência de Educação, Informação e Comunicação

2. Introdução

O presente documento foi elaborado no contexto de duas oficinas do Programa Institucional de Articulação Intersetorial Violência e Saúde (PI), a primeira realizada em 2019 e a segunda em 2023.

Em ambos os encontros o GT por meio do qual funciona o PI teve como preocupação central identificar ações institucionais relativas à violência armada (VA) e outras violências. No entanto, as unidades, em ambos os anos, apresentaram suas ações e demandas locais, indicando outras atividades e necessidades relativas às violências ali vivenciadas. A metodologia das oficinas de 2019 e 2023, assim como do levantamento de informações, seguiu delineamentos diferentes que apontam reflexões pertinentes à sua época de realização, assim como as prioridades elencadas pelo GT.

Em 2019 tivemos como objetivo principal levantar, dentre as unidades da Fiocruz participantes do PI, sobretudo nos campi Manguinhos, Maré e Farmanguinhos, ações realizadas no âmbito da prevenção às violências, das urgências e emergências e da pósvenção. Tais informações foram coletadas em uma oficina e compiladas em relatório produzido pela coordenação do PI[1]. A identificação de ações nos três âmbitos, nos campi acima mencionados, reflete uma preocupação do Programa com os impactos da VA em suas atividades cotidianas e sobre seus trabalhadores, estudantes, usuários e demais atores sociais. Expressa, ainda, a gravidade da problemática da VA nesses territórios da cidade do Rio de Janeiro. Dentre os impactos temos fechamento e ou alteração do funcionamento de serviços internos e voltados à população, adoecimentos físicos e mentais e dificuldade de circulação, chegada, saída e permanência nas várias unidades da Fundação.

Mais de 3 anos e uma pandemia de Covid-19 separam a oficina de 2019 da de 2023. Tendo realizado suas atividades de forma remota, o fim de 2022 marca o retorno das atividades presenciais do PI e a adoção do trabalho híbrido. Em agosto de 2023, a partir de demanda do GT por voltar a discutir de forma mais detida e, principalmente,

[1] Relatório disponível em https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/fiocruz_violencias_urgencias_e_emergencias_correto_2019.docx-2.pdf

propositiva, sobre a VA e seus impactos sobre as unidades da Fiocruz, a coordenação do PI decide atualizar o documento de 2019 como uma forma de identificar o cenário atual de ações voltadas a seu enfrentamento. É então organizado um formulário eletrônico, enviado a todas as unidades participantes, construído a partir dos três âmbitos identificados em 2019, para seu preenchimento. As informações foram compiladas e agendada uma oficina presencial para apresentação, debate e encaminhamentos.

Optamos por construir a seguinte tabela, a partir de três dimensões identificadas na leitura e organização das ações de 2019 e 2023. Vale destacar que as unidades que informaram as principais ações, na oficina de 2019, foram o então Departamento de Vigilância e Segurança Patrimonial (DVSP) e o Núcleo de Saúde do Trabalhador (NUST). Além delas temos: o ILMD – Fiocruz Amazônia, a EPSJV, a Fiocruz Mata Atlântica, Farmanguinhos e o CAD. Em 2023 solicitamos o preenchimento de cada unidade no formulário, sendo possível identificar, assim, o que cada uma desenvolve e ou aponta como necessidade. Não obstante, na tabela abaixo, a maior parte aparece sem a identificação da unidade, uma vez que dizem respeito à Fundação e não a unidades em particular. As exceções estão identificadas.

Violência armada e outras urgências, *violências no trabalho* e *saúde mental* são as três dimensões que dizem respeito a ações/programas/projetos já realizados e a necessidades identificadas.

Ações realizadas e necessidades identificadas em 2019 e em 2023 pelas unidades		
	Ações/programas/projetos	**Necessidades**
Violência Armada e outras	● Existem diversos Planos de Contingência da DVSP: incêndio, mal súbito, conflitos armados, acidentes, pessoas presas em elevadores e plano	● Melhor divulgação dos Planos, treinamento e integração das unidades/ Definir fluxo de comunicação com a Supervia e o Metrô para transporte de evacuação/ Avaliar

urgências	de evacuação. As seguintes unidades também têm planos de contingência específicos ou planos de segurança: EPSJV, ENSP, CESTEH Novo, Pavilhão Alberto Torres, Pavilhão Figueiredo Vasconcelos – Quinino, FIOTEC, Módulos WMP – World Mosquito Program, Prédio da Expansão, Creche Berta Lutz, Pavilhão Carlos Augusto da Silva, Pavilhão Helio Peggy Pereira – HPP, CTM – Farmanguinho. Também há Plano de Contingencia no Programa de Transporte Coletivo Fiocruz Saudável (transporte para trabalhadores entre pontos da cidade e os campi da Fiocruz Rio de Janeiro), com orientações de segurança para as áreas Interna e Externa do Campus Fiocruz. ● Há protocolo da Brigada de Contingência definindo fluxo e locais para encaminhamento de vítimas mais próximos a cada unidade/instituição (como UPA e HGB) e garantia de que a ambulância leve para os locais estipulados. ● Desde 2019 houve aprimoramento dos planos e da comunicação através de palestras, orientações e treinamento de segurança, formação de Grupos de Comunicadores de Segurança, sinalização dos níveis de segurança do campus, identificação dos pontos seguros das instalações prediais, monitoramento das vias de acesso às portarias do Campus, ação da vigilância motorizada pela supervisão de área e vigilantes motociclistas com rondas periódicas em todo campus, treinamento dos profissionais do	como poderia melhorar o suporte da GVSP durante as emergências/ Maior adequação predial para a proteção dos trabalhadores, como barreiras de proteção balísticas em pontos estratégicos/ Instalação de painéis de sinalização dos níveis de segurança para o campus e identificação dos pontos seguros dentro dos prédios/ Ampliação do sistema de monitoramento do campus Fiocruz - *GVSP* ● Estabelecer parcerias com Secretarias, Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), Médicos sem Fronteira (MSF), etc, para aprimoramento dos Planos/ Treinamento de primeiros socorros psicológicos para as equipes, sobretudo para eventos envolvendo armas de fogo. ● Melhorar comunicação, incluindo público que frequenta a Fundação – *IOC/EPSJV* ● Estimular o desenvolvimento de projetos de prevenção e enfrentamento à violência por arma de fogo/ Ampliar o investimento em projetos de cooperação social/ Apoiar a divulgação científica sobre violência armada/ Construir agenda de discussão sobre enfrentamento à violência, com público interno e externo ● Incluir urgência e emergência em cursos de formação/ atualização profissional ● Ampliar a colaboração com o Conselho Comunitário de Segurança Pública de Manguinhos ● Estruturar um serviço de emergência na Fiocruz ● Aprimorar ações de suporte psicossocial e atendimento psi ● Blindagem da frente da escola – *EPSJV*

	Sistema Integrado de Segurança (SIS), posto de controle de trânsito para direcionamento do trânsito em situação de contingência, relatório analítico de contingência, análise de segurança no monitoramento dos acessos ao campus, disseminação dos protocolos de contingências para os novos trabalhadores das unidades e para os alunos, em parceria com as Secretarias Acadêmicas através de folder de segurança ou via correio eletrônico. ● Houve uma melhora visível do envolvimento das unidades quanto às contingências - Gestão de Vigilância e Segurança Patrimonial (*GVSP)* ● Ambulância tipo "A" para simples remoção durante 24 horas / UTI móvel/ Carro – Coordenação-geral de Infraestrutura dos Campi / Programa de Transportes Coletivos Fiocruz Saudável - *Cogic*. ● Cartilha de segurança/ Comunicação/ Treinamento de equipe/ Reunião mensal com Associação Comercial e Industrial de Jacarepaguá (ACIJA), autoridades de segurança e prefeitura/ Simulados de evacuação em parceria com outras instituições - *Farmanguinhos* ● Suporte médico e psicológico/ Acompanhamento periódico da Psicologia e Serviço Social - *Biomanguinhos*. ● Treinamento para formação da Brigada Voluntária de Incêndio - *Mata Atlântica* ● Práticas Integrativas e	● Construção de um protocolo de prevenção, emergência e pósvenção/ Ampliação de RH - *Regional Ceará.* ● Nenhum pavilhão possui plano de contingência, mapeamento de riscos ou rotas de fuga – *IOC* ● Identificar e sistematizar necessidades/ Estruturar equipe/ Capacitar funcionários /Elaborar de Plano – *Fiocruz Mato Grosso do Sul* ● Construção de um Plano para minimizar a violência interpessoal no entorno/ Criação de grupo de pesquisa sobre o tema das violências/ Estruturação de ações para o acolhimento e suporte inicial de vítimas de violência/ Identificação da rede SUS e suplementar para atenção para acolhimento e acompanhamento/ Não há viaturas – *Regional Amazonas* ● Avaliar a pertinência de um sistema de sirene para aviso de situações graves no campus ● Aumento dos ônibus e linhas para evacuação/ Ampliação do efetivo de segurança/ Departamento de Saúde para atendimento dos casos menos graves/ UTI móvel para a rápida remoção nos casos em que não possua recursos internos – *Farmanguinhos* ● Melhoria da infraestrutura para atendimento/ Ampliação do atendimento da ambulância para o turno da noite/ Treinamento – *Biomanguinhos*. ● Espaço para atendimento/ Profissional de enfermagem/ Maca e materiais para os cuidados de primeiros socorros, etc - *Regional Rondônia*.

	Complementares em Saúde (PICs) – Centro de Saúde (*CS)/ Instituto Oswaldo Criz (IOC)/ Biomanguinhos* ● Avaliação e transporte da Brigada entre unidades/locais onde possa ter ocorrido algum acidente ou necessidade de intervenção para o Núcleo de Saúde do Trabalhador Nust (Nust) e vice versal/ Atendimento e registro de Acidentes de trabalho para posterior investigação - *NUST* ● A comunicação oficial da Fiocruz sobre essas questões é feita a partir da Lista-L, coordenada pela Comunicação Social da Fiocruz. Existem também outras listas de transmissão e grupos de Whats App nas seguintes unidades (Prédio da Expansão, Ensp, Farmanguinhos, Epsjv, Comunicadores do IOC, Comunicadores da COC, Alerta Bio, FIOTEC, Comunicadores do INI, Segurança Creche, que recebem as notificações da GVSP e repassam para suas respectivas redes/ Serviço de Biossegurança, grupo de voluntários, extintores, hidrantes, janelas blindadas em algumas edificações/ Brigada voluntária de incêndio nos prédios de Manguinhos e Centro de Referência Professor Hélio Fraga - Fiocruz Jacarepaguá (CRPHF)/ Plano Operacional (POP) com orientações para procedimento em caso de acidente incompatível com a vida - Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). ● O SETRAN/Cogic realiza através de empresa privada o transporte dos trabalhadores, alunos e visitantes entre o Campus Maré e Manguinhos com	● Criar um Departamento de Segurança do Trabalho/ Seção de Segurança Patrimonial com apoio das equipes de vigilância armada - *Farmanguinhos* ● Rearticulação da rede de comunicadores/ Formalização e implementação de Plano de Contingência/ Treinamento/ Simulados periódicos de abandono das edificações/ Melhoria na infraestrutura, como implantação de sinalização para violência e incêndio/ Elaboração de projeto e implementação de sistema de combate a incêndio e pânico/ Disponibilização de atendimento específico para vítimas de violência/ Realização periódica de informes de segurança devido a diversidade da população que circula pelos prédios/ Aprimoramento e implementação de sistema de investigação das causas de acidentes seu tratamento para evitar novos casos/ Desafio relativo ao conjunto arquitetônico diverso e complexo, o que demanda formalização, organização e implementação de ações, treinamento e infraestrutura específicas de tratamento e prevenção que deve ser consideradas nos planos de enfrentamento as violências que vierem a ser definidos - *ENSP* ● *Provocar o d*ebate sobre a violência das operações policiais no território/ Realizar mais ações com a comunidade para seu fortalecimento/ Organizar mais projetos e ações/ Organizar formas para denunciar as violências - *Casa de Oswaldo Cruz (COC).* ● Há necessidade de aumento da frequência do transporte de onibus entre os campi Maré e Manguinhos.

	qualidade e conforto em substituição a frota de ônibus institucional.	
Violências no trabalho	● Promoção da saúde, disseminação de informações e atendimento/ Encaminhamento/ Acompanhamento de situações que envolvem queixas/ Cartilha - palestras, rodas de conversa e outras formas de veiculação sobre as diferentes formas de violência - Coordenação de Saúde do Trabalhador (CST) multiprofissional e Coordenação Geral de Gestão de Pessoas (Cogepe)/ Mentoria coletiva "Conflito e cuidado: desafios da gestão do trabalho" para gestores da Fiocruz - Vigilância dos ambientes de trabalho (multiprofissional) - Investigação de Acidentes de Trabalho - *COGEPE* ● Atendimento/ Pronto atendimento e visitas às unidades/ Rodas de conversa/ Acolhimento e intervenções em situações de conflito relacionadas ao trabalho – Centro de Apoio ao Discente (*CAD*) e Núcleo de Psicologia e Serviço Social (*NUPSS)/GOGEPE/NUST* ● Projeto Cuidar/ Comissão para Prevenção e Enfrentamento do Assédio Moral – *Regional Minas* ● Comissão Interna de Valorização das Relações Interpessoais e Prevenção ao Assédio - *IOC* ● II Fórum Regional de Gestão de Pessoas da Fiocruz – *Regional Amazonas* ● Divulgação da Cartilha "Assédio Moral, Sexual e Outras Violências no	● Expansão às unidades da Fiocruz, com identificação de ponto focal em cada uma/ Melhoria da sala - *CAD* ● Melhoria do espaço físico/ Ampliação dos recursos humanos – *Regional Minas* ● Estruturação de ações de promoção da saúde e de prevenção às violências/ Capacitação e sensibilização de gestores no gerenciamento de crises – *Regional Amazonas* ● Necessidade de um fluxo de atendimento de acidentes de trabalho e/ou emergências médicas - *Mata Atlântica*.

	Trabalho". ● Capacitação de gestores, trabalho com equipes e suporte ao trabalhador – *Biomanguinhos.*	
Saúde mental	● Saúde do trabalhador no campus/ Mapeamento de suporte psicossocial no território - *Regional Ceará* ● Pronto atendimento e encaminhamento para rede pública e privada/psicólogos - *NUST* ● Ambulâncias (desde maio de 2023, estão em novo processo de licitação). Esta viatura é considerada como mitigação de danos/ Atualização da Política do CST de proteção à pessoa em crise, buscando articulação com a RAPS/ Orientações sobre mecanismos institucionais e externos para registro, denúncia e apuração de situações de violência - *COGEPE*. ● Reuniões para elaboração do POP para atendimento de usuários em casos de comportamento suicida - *IFF*	● Contratação de psicólogo para a Comissão Interna de Valorização das Relações Interpessoais - *IOC* ● Fortalecer a rede de acolhimento constituída por representantes de Serviço de Gestão do Trabalho (SGTs) das diferentes unidades da Fiocruz, além da Ouvidoria, CST e CAD. ● Melhor divulgação do protocolo de prevenção ao suicídio - *NUST* ● Quantitativo reduzido de recursos humanos dificulta o monitoramento sistemático da efetividade das intervenções e condiciona o quantitativo e a natureza das ações realizadas/ Falta estrutura física para ampliação dos postos de trabalho - *COGEPE* ● Ações regulares de promoção da saúde mental para trabalhadores e colaboradores, palestras e debates/ Melhora da estrutura física – *Regional Amazonas* ● Mais profissionais para ampliar os horários de atendimento e o espaço físico das atividades de promoção da saúde/ PICs/ capacitação permanente - *Biomanguinhos*. ● Equipamentos e profissionais habilitados em PICs ● Ações de promoção de bem-estar físico e mental/ Implementação das PICS - *Mata Atlântica*. ● Protocolo sobre pósvenção – *Regional Ceará*

		● Contratação de psiquiatra/ Maior divulgação da Política de Apoio ao Estudante – *CAD* ● Ampliar o número de profissionais para acolhimento e oferecer uma linha telefônica para pessoas em sofrimento ● Apoio imediato para mulheres, jovens e crianças traumatizados pelo dia a dia nas favelas na forma de cuidados psicológicos e organização de coletivos/ Criar bases de apoio psicológico para a população dentro do SUS - *COC*

3. Oficina Fiocruz, Violências, Urgências e Emergências

Realizada em 10 de agosto de 2023, de forma híbrida, contou com a participação de 27 pessoas presencialmente e 7 de maneira remota.

Presentes: Marcos Menezes (Diretor da Ensp), Leonídio Madureira (Cooperação Social), Leonardo Bueno (Cooperação Social), Wilson Borges (ICICT), Alex Príncipe (Presidência), Dayane Gusmão (Cogepe), Ingrid Pereira (EPSJV), Dolores Motta (CSEGSF/Ensp), Fernanda Mendes (Claves/Ensp), Mayalu Silva (Claves/Ensp), Simone Assis (Claves/Ensp), Claudionor Lima (GVSP/Cogic), Jeremias Barbosa (GVSP/Cogic), José Ricardo de Moura (GVSP/Cogic), Paula Bonatto (Museu da Vida/COC), Roberta Gomes (EPSJV), Michelle Oliveira (EPSJV), Marisa Martins (VDDIG/ICC), Patrícia Evangelista (CSEGSF/Ensp), Andrea da Luz (Cogepe), Fátima Cecchetto (IOC), Aldo Pacheco (Claves/Ensp), Luciana Cavanela (Nust/Cogepe), Flávia de Oliveira (CAD/VPEIC), Kathie Njaine (Claves/Ensp), Magali Portela (Farmanguinhos), Stella Martins, Luciana Lindenmeyer (Fiocruz Ceará), Luciana Alleluia (Fiocruz Ceará), Sueli Deslandes (IFF), Flávia Soares (Fiocruz Mata Atlântica), Edinilsa Ramos (Claves/Ensp), Paula Bevilácqua (Fiocruz Minas).

A oficina foi aberta pela coordenação do PI e seguiu com três falas de membros do GT: Dayana Gusmão, Dolores Motta e Magali Portela.

Dayane Gusmão, da COGEPE, contextualizou como a VA afeta a Fiocruz das mais variadas formas e qual seria papel da instituição, localizada em territórios tão afetados por esse problema, na produção de conhecimento e atuação de forma mais propositiva para colaborar com o debate e o enfrentamento da VA violência armada em seus campi e nos territórios vizinhos. Foi destacada a morte de dois meninos, da mesma idade, em favelas no Rio de Janeiro, na semana anterior à oficina e centralidade de questões como raça, classe e gênero para aprofundamento da discussão.

Dolores Motta, psicóloga do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria/Ensp, falou do impacto da VA nos atendimentos da unidade, não apenas em termos de graves

sintomas apresentados pelos pacientes, mas também relacionados à equipe, que vive cotidianamente com essa violência. Dolores destacou a violação do direito de ir e vir dos pacientes, que não conseguem chegar para os atendimentos, e trabalhadores, que não conseguem chegar nos atendimentos externos. Destacou o clima de desesperança, medo, desânimo entre todos.

Magali Portela, de Farmanguinhos, falou do impacto da violência no dia a dia do trabalhador da unidade, mas também dos moradores da comunidade, tendo como base o trabalho realizado junto aos movimentos sociais da Cidade de Deus. Magali expressou seu desalento pois as balas das armas de fogo ferem corpos negros infantis, todos os dias, com muito mais velocidade do que os projetos sociais conseguem dar algum resultado. O assassinato do menino Thiago Flausino, morto em operação policial nesta comunidade, foi de grande impacto, pois além de tudo ele era aluno de um projeto social apoiado pela Fiocruz. Ela destaca a falta de segurança e também a violência estrutural em todos os sentidos, como em relação à falta de coleta de lixo, de assistência médica, de transporte público eficiente, etc.

Em seguida, a fala foi passada a dois principais atores institucionais que atuam junto ao tema da VA na Fiocruz para apresentarem as ações que vêm sendo realizadas: Claudionor Lima, do Serviço da Gestão de Vigilância e Segurança Patrimonial (GVSP - COGIC) – em relação às questões de segurança – e Andrea da Luz, do Núcleo de Saúde do Trabalhador (NUST/COGEPE) – em relação às questões de acolhimento dos trabalhadores.

Claudionor Lima apresentou a tabela abaixo, com os principais agravos de urgência e emergência ocorridos na Fiocruz, incluindo a questão da VA.

		GVSP - GESTÃO DE VIGILÂNCIA E SEGURANÇA PATRIMONIAL														
		OCORRÊNCIAS NOS CAMPI FIOCRUZ RIO DE JANEIRO														
TIPO DE OCORRÊNCIAS		ANO														
		2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	TOTAL	%
1	TIRO	7	16	15	4	3	0	4	18	19	10	6	0	2	104	20,88
2	PRISÃO	8	3	7	2	2	0	1	3	9	3	0	1	1	40	8,03
3	COLISÃO	24	34	19	21	18	0	6	18	20	10	4	3	5	182	36,55
4	BRIGA	5	7	5	4	2	0	4	4	4	8	0	0	0	43	8,63
5	AMEAÇA	5	7	17	4	4	1	6	9	7	4	4	1	5	74	14,86
6	ASSALTO	1	1	0	0	0	1	0	0	1	2	0	0	0	6	1,20
7	ACIDENTE COM PEDESTRES	0	3	2	2	2	0	0	0	1	0	0	0	0	10	2,01
8	ÓBITO	3	4	1	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	12	2,41
9	ATROPELAMENTO	0	0	0	1	3	0	0	4	0	2	1	0	1	12	2,41
10	ASSÉDIO	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	0	0	0	5	1,00
11	ATAQUE DE CÃES	5	2	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	10	2,01
	TOTAL	58	77	67	39	37	3	21	57	63	42	15	5	14	498	100

Ele apresentou brevemente as soluções de segurança que vêm sendo desenvolvidas ao longo dos anos e explanou como essas situações afetam a sua saúde e de sua equipe. Na tabela acima os óbitos não se referem apenas à Violência Armada e os tiros não dizem respeito apenas aos tiros que atingiram alguém, mas dizem respeito aos projéteis de armas de fogo que atingiram o campus.

Ele relatou os seguintes casos de óbitos por violência armada durante os 41 anos que ele atua na segurança da Fiocruz: Um profissional da manutenção da COGIG baleado no braço, em um final de semana. Dois vigilantes mortos na portaria externa de pedestre de acesso ao Campus Maré, no período noturno e mais três Policiais Militares que se encontravam na parte externa da portaria. Um vigilante morto no posto Arthur Neiva no período diurno, durante o horário de expediente. Um vigilante morto em seu posto de trabalho noturno, na portaria 02 (próxima ao pavilhão da Asfoc). Um vigilante que se suicidou no posto de Farmanguinhos Fundos (Campus Manguinhos). Total de oito pessoas.

E os seguintes casos de ferimento por violência armada: Um vigilante baleado na portaria 02. Um vigilante baleado na escadaria de acesso do pavilhão Lauro Travassos/Cavalariça. Um vigilante baleado no pé no plantão noturno, no Campus Maré. Uma colaboradora atingida levemente no pé, na área externa da ENSP. Uma colaboradora atingida levemente no pé, no hospital antigo do INI. Uma colaboradora baleada nas nádegas, na COGIG. Uma participante de filmagem, baleada no braço, na área próxima ao Castelo Mourisco. Total de sete pessoas.

Andrea da Luz apontou os impactos da violência na saúde mental dos trabalhadores da Fiocruz, que se expressam em pedidos de licença e medo de ir ao trabalho. Há um protocolo junto a COGIC para primeiros atendimentos em urgência e emergência, mas existem desafios burocráticos para atender às situações de emergência. Em relação à violência nas relações de trabalho, considera que há avanços tanto nos atendimentos quanto na prevenção e responsabilização, buscando alinhar as diferentes portas: corregedoria, ouvidoria e NUSTs. A atuação junto ao tema da saúde mental tem incluído a formação de gestores, na Escola Corporativa. Outro ponto destacado é a valorização da diversidade, que tem sido pautada mais recentemente na instituição, a partir do reconhecimento das diferenças, e o compromisso da atual gestão da Fundação com a instituição de equipes de Saúde do Trabalhador nas unidades regionais.

Em seguida, a oficina contou com falas de convidados institucionais: Alex Príncipe, representante da Presidência, Marcos Menezes, diretor da ENSP, Leonídio Madureira,

coordenador da Cooperação Social da Fiocruz, Leonardo Bueno, pesquisador da Cooperação Social, Patrícia Evangelista, moradora de Manguinhos, trabalhadora do CSEGSF/ENSP e presidente do Conselho Comunitário de Segurança Pública do Centro Integrado de Inteligência de Segurança Pública da Região Sudeste (AISP 22).

Alex Príncipe sublinhou o compromisso da instituição com o tema da violência, objeto de debate do Conselho Deliberativo da Fiocruz recentemente e também nos anos de 2016 e 2017, além do Congresso Interno. Alex informou que a presidência vem monitorando os planos de contingência e sua efetividade, sinalizando o desafio de melhorar a comunicação e intensificar a transparência das ações, e que vem buscando reforçar a relação com as autoridades de Segurança Pública na cidade, a exemplo da recente reunião com a coordenação da PM. Ele destaca sua percepção de que nos últimos anos a violência e as ações policiais têm se tornado mais ostensivas.

Marcos Menezes destacou a perspectiva da atual presidência da Fiocruz em mobilizar a instituição para o debate sobre o tema. Ele lembrou os 30 anos da morte de Jorge Careli, porteiro da Fiocruz sequestrado e assassinado por policiais civis. Marcos destaca que é preciso avançar no debate sobre essa pauta e, para tanto, o estímulo à incidência política é fundamental, propondo realizar um debate sobre o Plano Nacional de Segurança Pública e Cidadania (PRONASCI). Outro ponto de destaque é a visão da violência como uma questão de saúde pública, no que menciona a 17ª Conferência Nacional de Saúde, momento propício para o debate junto aos movimentos sociais e sociedade civil organizada.

Leonídio Madureira relembrou alguns marcos da luta da Fiocruz contra a violência no território, que vem sendo pautada há 30 anos. Em 1995 houve a criação da universidade aberta e da Cooperativa de Transportadores de Nova Mutum (COOTRAN), que tematizaram a importância do desenvolvimento econômico e geração de renda para os moradores das favelas vizinhas. Ele destacou que a VA diz respeito à violência de Estado, mas também ao domínio armado de territórios pelo crime. Leonídio destaca a violência estrutural, exemplificada pelo fato de que muitos moradores de favelas não têm CEP, o que impacta na produção de dados epidemiológicos, como se viu na pandemia. Sendo um problema muito maior do que a capacidade institucional de

resolução, tem a desigualdade social como uma base que adoece e mata prematuramente. Assim, questiona até que ponto a insegurança, a VA e a existência de territórios de exceção contribuem para a reprodução social e a acumulação de riqueza.

A Cooperação tem apoiado a rede de pré-vestibulares populares e pautado o debate da guerra às drogas como discussão fundamental, indagando qual o impacto da VA nos locais onde estão localizados os cursos pré-vestibulares. Acontecem inúmeras violações de direitos e outras situações ilegais dentro desses territórios e outras unidades regionais da Fiocruz já começaram a conviver tais questões, havendo um juvenicídio em curso.

Ele também sugere debater o PRONASCI e refletir sobre a contribuição da saúde e da Fiocruz a partir do debate da determinação social, pautando uma segurança pública que preserve a vida e garanta direitos. A Fiocruz pode ser protagonista de incidência política sobre esse tema. Sobre atuação policial, Leonídio critica a autonomia exacerbada das tropas, que não respeitam a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), a partir da ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) nº 635.

Leonardo Bueno mencionou a Cartilha de Violência Armada, produzida junto ao Conselho Comunitário de Manguinhos e o Claves, que busca orientar a população sobre o tema e os impactos na saúde tanto da população como dos profissionais de segurança pública. Ele destaca que foi a cartilha mais acessada da Fiocruz no ano que foi lançada, 2019 e que houve bastante atenção da imprensa, gerando uma demanda da PM de contratar mais profissionais de saúde mental. O olhar da saúde é muito importante e pautar a saúde do profissional de segurança abre um espaço maior de diálogo na sociedade. Leonardo menciona um recente impedimento de realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) por jovens de Manguinhos devido à ocorrência de tiroteio, no Dia da Consciência Negra. Eles foram à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) e conseguiram junto à Comissão de Direitos Humanos o direito desses jovens fazerem a prova em outra data devido a essa situação.

Patrícia Evangelista relembrou também histórico de atuações da Fiocruz junto ao tema da violência: as ações Caminhos da Paz e, Com Garantia de Direitos, manifestação na Avenida Leopoldo Bulhões com público de 5 mil pessoas, caminhada no Jacarezinho quando houve a chacina em 2021. Ela destaca que a comunidade e o poder popular têm incentivo e força quando têm apoio de instituições. Em 2021 Patricia foi eleita presidente do Conselho Comunitário de Segurança Pública, composto por conselheiros da sociedade civil, delegados da Polícia Civil, comando do batalhão de área da Polícia Militar e Guarda Municipal local, e tem pautado as arbitrariedades, os tiroteios e os roubos cometidos por policiais, tentando quebrar o discurso de que favelado não gosta da polícia, chamando atenção para esse tipo de atuação que viola direitos. Ela ressalta que o atual comandante da Polícia Militar tem estado mais aberto ao diálogo e a realizar tentativas de minimizar a violência para que as ações da polícia não impeçam os outros serviços públicos de funcionar. Patricia menciona a proposta de realização de um seminário de segurança pública com garantia de vida, construído pelo Conselho Comunitário de Segurança Pública, Redes da Maré, Fiocruz e sociedade civil, em data a ser agendada.

Após as falas iniciais, outros participantes da oficina se posicionaram. Paula Bonatto, do Museu da Vida/COC contextualiza sua atuação ao longo dos anos com os jovens de Manguinhos, em diversas atividades. Além da perda de vida de jovens, muitos estão traumatizados, com medo de sair de casa. Ela destaca o investimento que tem sido feito, pelas forças públicas de segurança, em armas de fogo, comércio este extremamente lucrativo na América Latina. Paula destaca os movimentos sociais que fazem frente a essa violência, como o Mães de Manguinhos e a importância da Fiocruz se posicionar.

Fátima Cecchetto, do IOC, aponta ter sentido falta da voz dos agentes de segurança e sugere que sejam incluídos no debate os policiais e guardas municipais. A forma de agir da polícia é uma escolha política, o policial não é despreparado.

Dayana Gusmão destacou a importância da produção de dados para serem usados como *advocacy* para tentar reduzir os impactos da letalidade dessa necropolítica, indagando se hoje sabemos dizer de modo objetivo qual o impacto da VA na oferta de

serviços da Fiocruz. Dayana sugere realizar um mapeamento contínuo dos impactos da violência armada na Fiocruz registrando informações como: Quando há operações policiais no entorno, quantas pessoas deixam de ser atendidas? Quantas deixam de ter aula? Quantas vacinas e medicamentos deixam de ser fabricados? A organização Redes da Maré realiza um mapeamento, que poderia inspirar a Fiocruz. Há também o Fórum Basta de Violências na Maré, que vem articulando com a deputada estadual Renata Souza para que seja recriada a Secretaria de Estado de Segurança Pública como uma instância de cobrança de controle dessa política.

Dayane Gusmão e Mayalu Silva (PI/Claves) apresentam a ideia já levantada no Grupo de Trabalho sobre Violência Armada do PI sobre a possibilidade da Fiocruz apoiar a ADPF 635, conhecida como ADPF das Favelas, que visa controlar violações constitucionais da política de segurança pública do Rio de Janeiro e a violência policial, instituindo um plano de redução da letalidade policial.

Ingrid Pereira, vice-diretora de Ensino da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), um dos locais mais expostos à VA no campus Manguinhos, aponta que, na experiência da escola, existem avanços no cotidiano como maior articulação com a ouvidoria e a corregedoria e o aprimoramento do plano de contingência. Ela sugere criar uma estratégia de escuta coletiva com os docentes visando apoiá-los.

Edinilsa, do Claves, chamou atenção para o conceito de violência armada e de segurança pública, pois reduzimos a discussão à questão da ação da polícia em função de sua recorrente truculência. Porém existem outras formas de violência, também relacionadas à criminalidade. Ela destacou a ocorrência de chacinas, eventos geralmente promovidos pela polícia, que têm aumentado no Brasil, muitas vezes empreendidas como ações de vingança em relação a morte de algum policial. As chacinas rompem com um pacto civilizatório e democrático, uma vez que a polícia acha que tem o aval de matar quantas pessoas quiser. Edinilsa citou dados mencionados pelo pesquisador Daniel Cerqueira (Fórum Brasileiro de Segurança Pública e IPEA) no programa da jornalista Miriam Leitão: entre agosto de 2023 e agosto de 2024, Rio de Janeiro e Bahia somaram 66 chacinas policiais, 37 no RJ e 29 na BA, que provocaram 262 mortes, 154 no RJ e 108 na Bahia e 36 feridos. Média mensal de 6 chacinas

policiais e 25 baleados. Tais intervenções foram tanto legais como clandestinas e apontam um total descontrole da regulamentação da polícia.

Wilson Borges, do ICICT, apontou a importância do debate sobre segurança pública cidadã e lembrou das propostas do governo Leonel Brizola e Nilo Batista, há 30 anos. Destacou o debate polarizado em relação a ADPF 635, indagando a quem interessa criar uma polarização entre violência para "eles", no caso dos motoristas de transporte de carga, e para "nós". Ou, se preferirmos, polarização entre os que apoiam e defendem a legalidade e aplicação da ADPF 635, como é o caso da Fiocruz, e os que acham que ela protege os criminosos, incluindo nesse hall os que apenas pedem a aplicação da lei.

Kathie Njaine, do Claves, destacou a questão da corrupção exacerbada que cerca esse tema, com inúmeras denúncias de abuso, conivência e envolvimento de policiais na venda de drogas, além de armas de uso exclusivo das forças armadas e polícias que são apreendidas junto ao crime organizado. Existe uma conivência das instituições com essa criminalidade, um sistema integrado de corrupção e é preciso um canal de denúncia desses processos e das abordagens policiais violentas. Houve um retrocesso em termos da política de segurança pública do país. É importante tecer um diálogo interministerial sobre esse tema, resgatando ações de conquista de cidadania e formação de policiais que respeitem as comunidades.

Simone Assis, do PI/Claves, falou da importância da Fiocruz em realizar um grande seminário sobre o tema, incluindo um momento para debater ações federais a Política Nacional de Segurança Pública e Cidadania, a Política Nacional de Morbimortalidade por Acidentes e Violências (PNRMAV), a política prisional e as ações do STF, como a ADPF; e outro momento, para estaduais, como atuação da polícia civil, polícia militar, saúde, institutos de pesquisa, movimentos sociais. Simone destacou que a saúde mental sempre aparece como um tema fundamental nos debates, mencionando a importância de avançar em propostas de escuta e apoio a docentes e outros profissionais, alunos e usuários dos serviços institucionais. Ela citou pesquisa que está sendo realizada pelo Claves, de avaliação da PNRMAV, onde os gestores atribuem as menores notas ao treinamento e capacitação, e lembra de uma proposta prévia do PI

de criar um edital interno para apoio a pesquisas e ações com foco na violência e saúde a fim de dinamizar e trabalhar o tema nas diversas unidades da Fiocruz.

Magali Portela trouxe a realidade de Farmanguinhos, unidade localizada dentro da Cidade de Deus, com apenas uma entrada. A realidade local obriga os colaboradores a passar com lixo e esgoto na porta e falta iluminação, entre outros problemas. Ela destaca a inexistência de orçamento disponível para tratar desse acesso à unidade. O que é realizado em termos de intervenções e melhorias no entorno acontece por meio de ações individuais de colaboradores, como ela mesma, sem apoio da Fiocruz. Além do tráfico, o entorno tem a presença de milícias e a unidade não consegue participar do Conselho de Segurança local por conta desse domínio de território.

Michelle Oliveira, da EPSJV, lembrou da importância de ampliar o debate da segurança pública a partir da saúde, trazendo o tema como uma pauta deste setor para ecoar mais no âmbito da sociedade. Ela destacou a importância da visibilização dos dados sobre o impacto da VA na Fiocruz, indagando por que não são de acesso público. É preciso visibilizar o quanto as famílias cujos filhos não conseguem chegar na escola são impactadas.

Andreia da Luz, da COGEPE, reforçou a proposta de realizar ações como seminários que mobilizem os poderes executivos e as polícias e destacou que estes têm que ser articulados com as comunidades. Também reforçou a ideia de monitoramento dos impactos da VA na Fiocruz, tanto em relação a questões de estrutura, quanto à equipe de servidores e usuários, como alunos e pacientes. É preciso pensar como registrar tais dados usando ferramentas que já existem. Como exemplo, mencionou o monitoramento feito pela plataforma Fogo Cruzado, com georreferenciamento. Andrea também destacou a importância de ampliar a comunicação com a comunidade que frequenta a Fiocruz, aventando a possibilidade de um *Hub* de estudos e pesquisas sobre violência, a partir da coordenação do Claves, com foco na segurança pública. Criar um repositório de boas práticas de cidadania para enfrentar a violência também é uma ideia. É preciso também ampliar os espaços de cidadania a partir da Fiocruz, como ocupar a praça em frente ao posto de saúde, fomentando uma imagem de cidadania. A justiça itinerante é outra iniciativa importante, com a qual a Fiocruz pode aprender e

colaborar. Seria possível ter mais ônibus de atendimento à violência contra a mulher e outras violências? A Fiocruz poderia ser um espaço onde a população pudesse ser acolhida, multiplicando ações de afirmação de cidadania.

Patrícia Evangelista lembrou do ano de 2013, quando houve a morte do jovem Paulo Roberto, de Manguinhos, por asfixia de policiais e também a prisão do pesquisador da ENSP Paulo Bruno, nas manifestações. Ela propôs que a Fiocruz ampliasse seu papel como um núcleo de cidadania para o território.

Alex Príncipe sugere a criação de App da Fiocruz que pudesse ampliar as informações sobre violência e prevenção, com alertas de VA e outras emergências para uma comunidade mais ampla de pessoas que frequentam os *campi* e não estão nos grupos de avisos da Instituição. É preciso também retomar as políticas já existentes na Fiocruz (Congresso Interno, CD, Portarias da Presidência, programas, câmaras técnicas) para construir uma visão integrada, o que ajuda na comunicação e construção de um plano estratégico.

Leonídio Madureira lembrou que o governo federal está reconstruindo o PRONASCI, iniciativa com a qual a Fiocruz tem condições de contribuir. É também possível registrar os impactos da violência a partir da rede de pré-vestibulares locais e de uma plataforma que dialogue com a educação. Ele reforça que é preciso refletir sobre a origem desse tipo de violência, tematizar a segurança privada como uma indústria alimentada pela insegurança, que também controla a população empobrecida para não lutar por direitos.

Claudionor Oliveira ressaltou ser bem vinda a possibilidade de participação em órgãos de segurança e destacou que a Divisão já tem contato e está desenvolvendo medidas de prevenção para ataques em escolas em parceria com as UPPs da área, a Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e Batalhão de Ações com Cães (BAC). Mencionou também que já houve palestra da polícia para treinamento dos trabalhadores da segurança sobre como se comportar em situações de confronto armado.

4. Síntese dos encaminhamentos da oficina

- Criar uma forma de registrar e visibilizar os impactos da VA nos campi Fiocruz, como pessoas baleadas, aulas perdidas, serviços paralisados, danos materiais, etc;
- Debater sobre um possível apoio institucional da Fiocruz à ADPF das favelas;
- Trabalhar a comunicação externa de forma mais intensa sobre o tema da violência como questão de saúde que impacta a população e os profissionais de segurança; segurança pública com cidadania e o quanto o domínio armado de territórios impacta a democracia no país;
- Ampliar a articulação entre as unidades sobre a temática;
- Aprimorar as formas de comunicação com a comunidade ampla da Fiocruz em relação à VA e riscos de acesso aos campi, possivelmente através de um APP;
- Realizar um seminário nacional sobre VA;
- Ampliar o apoio da Fiocruz para o *campus* Farmanguinhos, incluindo intervenções em infraestrutura e manutenção;
- Realizar debates com foco na VA, juventude e educação;
- Pautar o tema da Guerra às Drogas e a manutenção da situação de VA que afeta grande parte dos países da América Latina;
- Apoiar a construção do Seminário do Conselho Comunitário de Segurança Pública AISP 22;
- Desenvolver um projeto de acolhimento e intervenção com os docentes da EPSJV e também escolas do bairro;
- Retomar a ideia de um edital de pesquisa e intervenção sobre violência para dinamizar e trabalhar o tema da violência nas unidades da Fiocruz.
- Criar repositório institucional de boas práticas no enfrentamento às violências.